

CSNU

SJ  NU
“O MUNDO EM NOSSAS
MÃOS”

Reunião emergencial

Crise no Afeganistão



GUIA DE ESTUDOS

Sumário

Carta aos delegados	3
Introdução	4
A guerra do Afeganistão	6
Talibã assume o poder	8
Bin Laden transfere-se para o Afeganistão	9
11 de setembro	9
7 de outubro	12
Crise atual	15
Conclusão	16
Relações dentro do conflito	17
Posições dos blocos	19
Bibliografia	25

Carta aos delegados

Prezados Delegados,

Nós, da Mesa Diretora do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), único órgão de caráter mandatário dentro da ONU, desejamos boas-vindas aos senhores à 9ª edição do SJONU. Neste ano, os senhores discutirão acerca da Crise política, econômica e humanitária no Afeganistão, que se alastrou em 1994 com o surgimento do Talibã, que assume o poder do país em 1997.

Visando um bom andamento do debate, é necessário que os senhores leiam atentamente o Guia de Estudos e o Guia de Regras, lembrando sempre que é indispensável realizar pesquisas externas complementares a respeito do país ou Organização Não Governamental que os senhores representam. Além disso, pesquisas aprofundadas sobre os demais países e organizações do comitê, mesmo que breves, são necessárias para a dinamicidade do debate. Vale lembrar que os textos presentes neste guia podem ser utilizados em vossos discursos, porém nunca deverão ser citados como fonte de pesquisa, garantindo, assim, o respeito à soberania dos países.

Esperamos que os senhores mantenham o respeito e a cordialidade perante os outros participantes do evento, em todos os aspectos, seja com staff, jornalistas, representantes de Estado, juízes, promotores, advogados, assim como para com os diretores. Para que tenham um bom desempenho, é aconselhado que fiquem atentos aos horários das sessões e das demais atividades do SJONU, e lembrem-se de que é necessário entregar o Documento de Posicionamento Oficial (DPO) logo na primeira sessão.

A Mesa Diretora do CSNU deseja a todos uma ótima experiência durante os quatro dias de evento e a realização de um excelente trabalho! Caso haja quaisquer dúvidas sobre o evento ou acerca do tema que será abordado no comitê, colocamo-nos à total disposição para ajudá-los!

Cordialmente,

Isabella Cristiani Lage

Isadora Viana Betti

Jordana Ramos Garrido da Silva

Maria Eduarda Calheiros Nogueira

sjonu.org@gmail.com

Introdução

Em 1942, dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, 26 países aliados que haviam declarado guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão) compuseram a “Declaração pelas Nações Unidas” (Declaration by the United Nations), em que clamavam pela união de todas as nações do mundo contra seus inimigos.

Após o fim do conflito, com a evidente formação de uma nova ordem geopolítica, as nações vencedoras da dispendiosa batalha reuniram-se numa conferência para estabelecerem a criação de um novo órgão internacional que regulamentasse novas medidas a serem tomadas pelos Estados, tendo a diplomacia como principal meio de negociação para a solução e eliminação de desentendimentos entre os mesmos.

A este órgão caberia evitar o surgimento de novos conflitos que pudessem culminar em mais uma guerra tão devastadora quanto as duas últimas recentemente enfrentadas, além de reafirmar os valores dos direitos fundamentais do homem que deveriam ser aplicados a todos os indivíduos, independente de credo, cor, condição social ou qualquer outro aspecto. Enfim, seria responsabilidade desse órgão que uniria as nações do mundo em prol do progresso social e melhores condições de vida para qualquer pessoa do planeta dentro de um conceito de liberdade ampla.

Sendo assim, em 1945, foi elaborada a Carta das Nações Unidas, juntamente ao Estatuto da Corte Internacional de Justiça, que determinava os parâmetros a serem seguidos pelos Estados Membros do futuro instrumento de caráter multilateral. Nesse mesmo ano, 51 países assinaram este documento e assim foi instituída a Organização das Nações Unidas (ONU).

Pela Carta das Nações Unidas, o princípio fundamental a ser seguido e levado em consideração durante todo o trabalho da ONU é a manutenção da paz e segurança internacionais. Dada a necessidade de promover e garantir a aplicação deste preceito, criou-se um órgão dentro das Nações Unidas no qual todos os seus integrantes deveriam procurar resolver os conflitos de maneira pacífica e acatar às decisões propostas por este, pondo fim a qualquer risco à ordem e à paz mundiais. Estava firmado o Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC – United Nations Security Council).

- **Finalidade do Comitê de Segurança das Nações Unidas**

Sua principal finalidade é manter a paz e a segurança internacional, sendo que, sempre que este órgão notar alguma controvérsia, deverá, primeiramente, recomendar a seus membros que cheguem a um acordo de maneira pacífica, podendo, entretanto, empreender investigações e, por meio destas, tentar a intermediação do conflito,

estabelecendo os princípios de acordos através de representantes especiais nomeados pelo Secretário Geral da ONU (Capítulo VI, Artigo 33o).

O Conselho deve buscar sempre manter a paz e a ordem mundial, contudo, caso não seja possível evitar o conflito entre as nações, este tentará incessantemente propor o cessar-fogo imediato, propondo diretrizes para tal, sendo até possível a designação de uma força de paz para garantir a mesma na região do conflito. O Capítulo VII da Carta das Nações estabelece que o Conselho de Segurança pode, para fazer cumprir suas decisões, tomar medidas drásticas, que vão desde os embargos econômicos até o uso da força, aplicado na forma de uma coalizão militar integrada por seus membros. No caso o uso da força seria o último recurso a ser utilizado.

Em suma, de acordo com a Carta das Nações Unidas, as funções do Conselho de Segurança são as seguintes:

1. Manter a paz e a segurança internacionais conforme os propósitos e princípios das Nações Unidas;
2. Investigar toda e qualquer situação que possa ensejar conflito internacional;
3. Recomendar métodos de ajustes de tais controvérsias, e condições para acordo;
4. Elaborar planos para o estabelecimento de um sistema que regula os armamentos;
5. Determinar se existe uma ameaça à paz ou um gesto de agressão e recomendar que medidas devam ser adotadas;
6. Impor aos seus membros que adotem sanções, que não o uso da força, para deter a agressão;
7. Empreender ação militar contra um agressor;
8. Recomendar o ingresso de novos membros;
9. Exercer funções de administração fiduciária das Nações Unidas em zonas estratégicas;
10. Recomendar para Assembleia Geral a designação do Secretário Geral e, junto com a Assembleia, eleger os magistrados para a Corte Internacional de Justiça.

•Funcionamento do comitê

Cada membro do Conselho tem direito a um voto (Capítulo V, Artigo 27o). As decisões sobre procedimentos necessitam dos votos afirmativos de 9 dos 15 membros.

As decisões relativas a quaisquer outros assuntos também necessitam de nove votos, entre eles os votos dos 5 membros permanentes a favor, caso contrário a resolução não é aprovada. Esta é a regra da “unanimidade das grandes potências”.

Se um membro permanente não apoia uma decisão, mas não deseja bloqueá-la

através do seu voto, pode abster-se de participar da votação ou declarar sua não participação na mesma. A abstenção ou não participação não são consideradas como votos contrários.

De acordo com a Carta, todos os membros das Nações Unidas concordam em aceitar e cumprir as decisões do Conselho (Capítulo V, Artigo 25o).

Apesar de outros órgãos da ONU formularem recomendações aos governos, somente o Conselho de Segurança pode tomar decisões, observados os artigos da Carta, que os Estados-Membros ficam obrigados a cumprir.

Cronologia dos eventos no Afeganistão

A Guerra do Afeganistão

A Guerra do Afeganistão iniciou-se em 1979, no momento em que a URSS invadiu o país. A invasão se estendeu por dez anos, foi muito sofrida até mesmo para os soviéticos, causando milhares de mortes e também um forte impacto financeiro sobre o país. Esse conflito se inseriu no contexto da Guerra Fria, e então, os adversários dos soviéticos, foram financiados pelos Estados Unidos.

A relação entre o Afeganistão e a União Soviética foi um pouco abalada por conta dos problemas políticos enfrentados pelo Afeganistão durante a década de 1970. De primeira, houve um golpe de Estado que colocou fim à monarquia afegã e Mohammed Daoud Khan foi levado ao poder.

Porém esse governo não agradava aos soviéticos, por causa de sua aproximação com países como Iugoslávia e Irã. O governo de Daoud Khan passou então, a sofrer oposição de um partido comunista do Afeganistão conhecido como PDPA. Em 1978, o agravamento das relações entre os dois lados levou o PDPA a realizar um golpe de Estado que tirou Daoud Khan do poder e levou o Nur Muhammad Taraki à presidência do país. O governo de Taraki implementou uma série de transformações no país, como reforma agrária, introdução de educação laica, permissão da entrada de mulheres na política, etc.

Porém essas medidas foram muito impopulares, sobretudo no interior, influenciado fortemente pelo conservadorismo religioso. Havia também insatisfações de grandes proprietários por conta da reforma agrária. Assim, foram formados grupos rebeldes pelo Afeganistão conhecidos como mujahidin.

Depois de uma disputa interna no PDPA entre o presidente Taraki e outro

representante do partido levou a um terceiro golpe de Estado. Amin assumiu a presidência do Afeganistão, mas o seu governo não agradava a União Soviética. A insatisfação com Amin se dava pelo medo da aproximação dos Estados Unidos. Assim, a invasão soviética foi motivada com o intuito de derrubar Amin do poder e impor o controle do PDPA dentro dos interesses soviéticos. A invasão também foi realizada com o objetivo de controlar o avanço dos grupos rebeldes que ameaçavam o poder dos comunistas no Afeganistão.

•Invasão soviética

A invasão soviética foi iniciada oficialmente no dia 24 de dezembro de 1979, com cerca de 8.500 homens enviados diretamente para Cabul. As tropas soviéticas destituíram do poder Hafizullah Amin, que também foi executado dias depois. Assim, Babrak Karmal foi empossado como novo presidente do Afeganistão.

A respeito da ocupação do Afeganistão, os historiadores apontam que, até meados de 1979, a opinião vigente no comando soviético era de que a invasão não seria de maneira nenhuma proveitosa para os interesses da União Soviética. Argumentava-se que a economia soviética estava ruim, que eles seriam vistos como invasores, perderiam o apoio da população, etc.

Essa visão mudou à medida que os soviéticos começaram a se irritar com o governo de Hafizullah Amin, com a sua incapacidade de derrotar os rebeldes e com o temor de que ele se aliasse aos norte-americanos. Com a invasão soviética, os mujahidin declararam uma jihad (guerra santa) contra os soviéticos, começando uma luta que se estendeu pelos dez anos seguintes.

Os mujahidin lutavam contra os soviéticos utilizando táticas de guerrilha e possuíam grande vantagem estratégica nas regiões montanhosas do norte do país. Os rebeldes afegãos também passaram a contar com forte apoio dos Estados Unidos, que condenavam internacionalmente a invasão soviética ao Afeganistão.

A respeito da atuação norte-americana no conflito, existe outra divergência entre os historiadores. Alguns afirmam que os americanos tinham como objetivo a retirada imediata dos soviéticos do país. Outros levantam o fato de que, para os Estados Unidos, era mais interessante a continuidade da guerra por um longo prazo, o que aumentaria consideravelmente o impacto sobre a economia soviética.

Os historiadores argumentam que existia um grupo interno no governo americano que defendia o papel dos Estados Unidos de financiar, treinar e armar os mujahidin, além de adotar uma postura mais intransigente nas negociações com a URSS. Esse grupo, que ficou conhecido como bleeders, tinha forte presença na CIA e atuou sistematicamente para barrar os esforços diplomáticos na ONU, que queria o fim do conflito.

A longa duração da guerra e a incapacidade do exército soviético em lidar com as forças dos rebeldes levaram a União Soviética a iniciar as negociações pela retirada de suas tropas. A União Soviética também começou, gradativamente, a entregar as operações militares para o comando do exército afegão e a defender que as reformas de esquerda no país fossem anuladas.

Com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder, a União Soviética ampliou seus esforços para pôr fim à participação na Guerra do Afeganistão. Em 1988, Gorbachev anunciou que as tropas soviéticas seriam retiradas do Afeganistão de maneira gradual. Em 15 de fevereiro de 1989, os últimos soldados abandonaram o Afeganistão.

A luta contra os rebeldes foi totalmente entregue a Mohammad Najibullah, presidente do Afeganistão. Com a saída das tropas soviéticas, a situação para o governo afegão, conforme já se esperava, tornou-se dramática. Os mujahidin seguiram com seus ataques, e o fim do apoio soviético fez que Najibullah fosse destituído do poder, em 1992. Com isso, o governo comunista no Afeganistão teve fim e o país tornou-se uma República Islâmica.

Talibã assume o poder

Quando as tropas soviéticas deixaram o Afeganistão nos anos 1990, o país foi tomado por uma série de conflitos entre facções que brigavam pelo controle da nação. Neste contexto de guerra civil, surge em 1994 o Talibã, sob a liderança do Mullah Mohammed Omar. O grupo, criado no sul do Afeganistão, tem origem nas tribos que ocupavam a fronteira do país com o Paquistão. É formado principalmente pelos pashtun, um povo que lutou contra o imperialismo britânico, a invasão soviética e hoje se dedica a combater a intervenção do ocidente na região.

Em 1997, pouco tempo após o seu surgimento, o Talibã conquista o controle do Afeganistão, sendo muito bem recebido por significativa parte da população. Isto porque, após um longo período de guerras, o grupo estabeleceu a paz no território, combateu a corrupção e tornou as estradas mais seguras para o desenvolvimento do comércio. Apesar desse apoio interno, o Talibã só teve o seu governo reconhecido por três países: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Paquistão.

Mas a esperança de um período de paz e segurança, como o Talibã prometia, rapidamente deu lugar a opressão e ao medo. Homens tiveram que deixar a barba crescer. Mulheres foram forçadas a se cobrirem da cabeça aos pés e não podiam sair de casa sozinhas, muito menos trabalhar ou estudar. Televisão, música e qualquer ligação com o Ocidente eram proibidos, e quem descumprisse as novas leis islâmicas sofria amputações ou era executado em praça pública.

O grupo, com uma interpretação deturpada do Alcorão, determinou a destruição de todos os símbolos que não fossem islâmicos, e chocaram o mundo com a implosão de estátuas milenares budistas. Patrimônios da humanidade viraram escombros.

Bin Laden transfere-se para o Afeganistão

O Afeganistão possui dois grupos conhecidos que são considerados terroristas pelo Ocidente atuando em seu território: o Talibã e a Al-Qaeda. Inicialmente, esses dois grupos eram opositores, mas essa relação foi mudando ao longo do tempo. Após um encontro entre Osama Bin Laden e o Mullah Mohammed Omar, em 1996, os dois grupos estabeleceram uma aliança, principalmente para unir forças no controle do Afeganistão.

Mas apesar de serem aliados, existem enormes diferenças entre o Talibã e a Al-Qaeda. A principal delas é que o Talibã é uma organização provincial, que age apenas na sua região e não realiza ataques em países do ocidente, ao contrário da Al-Qaeda. Outra diferença é que o Talibã é composto por membros de tribos afegãs, enquanto a Al-Qaeda é composta por árabes.

11 de setembro e seus antecedentes

No dia 11 de setembro de 2001, houve o atentado às Torres Gêmeas, na cidade de Nova Iorque, o qual resultou em cerca de três mil mortes. Os terroristas responsáveis pelo atentado eram vinculados a Al-Qaeda e realizaram seus ataques contra dois alvos: o World Trade Center, localizado em Nova York, e o Pentágono, localizado em Washington.

Os atentados de 11 de setembro tiveram como um dos grandes responsáveis Osama bin Laden e geraram grandes consequências a nível regional (nos EUA) e também mundial. Poucas semanas depois que aconteceram, o governo norte-americano deu início à Guerra do Afeganistão, com o objetivo de capturar o líder da Al-Qaeda.

•Causas e contexto histórico do atentado

Os atentados de 11 de setembro foram realizados pela Al-Qaeda, que, na época, era liderada por Osama bin Laden, um árabe multimilionário e um dos fundadores dessa organização terrorista. As motivações que levaram bin Laden e a Al-Qaeda a realizarem atentados contra os Estados Unidos são resultado de um longo processo que se iniciou na década de 1970.

Levando em consideração esse contexto, devemos entender que a motivação do ataque foi a desarmonia existente entre fundamentalistas islâmicos e os Estados Unidos.

Essa era motivada pelas intervenções dos norte-americanos nas nações do Oriente Médio e por seu apoio ao Estado de Israel.

Na década de 1970, os Estados Unidos enfrentaram dois grandes desafios no Oriente Médio: a crise do petróleo de 1973 e a Revolução Islâmica que aconteceu no Irã, em 1979. A primeira foi causada por um embargo feito pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que fez o valor do petróleo disparar no mercado internacional; e a segunda foi uma revolução religiosa e conservadora que derrubou o governopró-ocidente que existia no Irã e instaurou um regime xiita.

Esse segundo acontecimento fez o governo norte-americano perder a aliança que tinha com esse país, um de seus principais aliados na região. Esses acontecimentos fizeram com que a política estadunidense no Oriente Médio fosse alterada e passasse a ser mais agressiva. Em 1979, o Afeganistão, país com um governo comunista, foi invadido por tropas soviéticas que vinham em auxílio desse governo. Os EUA viram nisso uma ótima oportunidade de desestabilizar o seu maior adversário, e, desde esse ano, passou a financiar dissidências que existiam no interior do Afeganistão e lutavam contra o governo comunista: os mujahidin. Essas forças rebeldes reuniam grupos reacionários que passaram a receber armas e dinheiro de norte-americanos e dos sauditas (aliados dos EUA). Aqueles queriam que essas forças derrubassem o governo comunista afegão e atingissem a economia soviética. Anos depois, esses grupos, uma vez armados pelos próprios Estados Unidos e demais aliados, acabaram transformando-se em organizações fundamentalistas islâmicas.

A atuação dos americanos no financiamento dessas forças contrarrevolucionárias atraiu um palestino chamado Abdullah Azzam, que convocou uma jihad (guerra santa, para os muçulmanos) contra os soviéticos. Foi Azzam que convidou bin Laden para ir ao Afeganistão participar da luta contra a URSS. No entanto, alguns anos depois, Azzam e bin Laden acabaram rompendo quando este resolveu voltar-se também contra os muçulmanos “decadentes”. Com isso, bin Laden acabou fundando a Al-Qaeda, que foi uma das maiores organizações terroristas do mundo.

•Conflitos com os EUA

Até então, bin Laden tinha contado com o apoio dos Estados Unidos na luta contra os comunistas. No entanto, a Guerra do Golfo acabou afetando a relação que existia entre os dois países. Em 1990, o exército iraquiano invadiu o Kuwait e fez com que a família real kuwaitiana se refugiasse na capital saudita, o que criou um clima de tensão entre Iraque e Arábia Saudita.

A possibilidade de que houvesse um atrito era grande, e isso fez com que Osama binLaden, árabe, oferecesse seus serviços para defender o território saudita. Bin Laden

queria que a monarquia saudita o contratasse e seus mujahidin para defender o território, mas os sauditas recusaram a oferta de bin Laden e optaram por deixar as tropas americanas garantirem a segurança.

A rejeição de sua proposta enfureceu bin Laden, sob o argumento de que a presença de estrangeiros fazendo a proteção do solo sagrado da Arábia Saudita (lá ficam duas cidades sagradas para o Islã) era um sacrilégio. Depois de criticar o governo saudita, bin Laden foi banido do país e exilou-se no Sudão, assim, nasceu nesse episódio, a desavença de bin Laden com os estadunidenses.

O ódio de bin Laden pelos Estados Unidos acabou aumentando por demais questões, como o apoio desses ao Estado de Israel, seu papel na assinatura de um acordo de paz entre Israel e Palestina na década de 1990, e sua intervenção em outros países islâmicos. Já no mesmo período, bin Laden passou a defender a ideia de realizar um ataque contra os EUA.

O que aconteceu no 11 de Setembro?

Além do ataque às Torres Gêmeas, O Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA, também foi atacado no dia 11 de setembro de 2001. O início dos atentados deu-se com o sequestro de quatro aviões comerciais, que decolaram da costa leste dos Estados Unidos com direção para a Califórnia.

Esses decolaram das cidades de Boston, Washington e Newark, com direção a Los Angeles e São Francisco. Dos quatro voos, três conseguiram atingir seus alvos, mas o quarto, caiu antes de atingir seu alvo. Tudo começou com o Voo 11 da AA, que decolou de Boston em direção a Los Angeles. Menos de uma hora depois, o avião era lançado contra a Torre Norte (chamada de World Trade Center One) do World Trade Center, um complexo comercial que ficava no coração da ilha de Manhattan.

Menos de 20 minutos depois, o segundo avião foi lançado, dessa vez, contra a Torre Sul (World Trade Center Two), chocando-se com a segunda torre. Naquele momento, a imprensa internacional já estava fazendo a cobertura, e o ataque contra a segunda torre foi televisionado ao vivo para todo o planeta. O terceiro avião foi lançado contra o Pentágono e o quarto avião caiu no interior do estado da Pensilvânia. O quarto avião não atingiu seu alvo porque seus passageiros foram informados de que se tratava de um atentado, e então rebelaram-se contra os terroristas, que acabaram derrubando o avião antes do alvo previsto.

Ao todo, os atentados de 11 de setembro causaram a morte de 2996 pessoas (esse número inclui os 19 terroristas). A imagem mais destacada desse ataque foi, naturalmente, a do ataque ao World Trade Center, pois, depois do choque com os aviões,

as conhecidas Torre Gêmeas incendiaram-se. Milhares de pessoas ficaram encurraladas nos andares mais altos do prédio e, infelizmente, não conseguiram sair, enquanto isso, os bombeiros e socorristas conduziram o trabalho de evacuação do prédio. O incêndio que se iniciou nas Torres Gêmeas superaqueceu as estruturas do prédio e fez com que ambas fossem abaixo. Às 09:59, a Torre Sul desabou, e às 10:58, foi a vez da Torre Norte. A queda delas afetou construções ao lado, danificando-as e espalhando o incêndio.

Antes do atentado, o World Trade Center era um complexo que possuía sete edifícios que abrigavam centenas de empresas das mais variadas áreas. Dentro desse complexo, estavam as Torres Gêmeas, inauguradas em 1973, e que possuíam 417 metros de altura, sendo uma das construções verticais mais altas do mundo. No dia do atentado, cerca de 15 mil pessoas estavam nelas, e, em meio ao desespero, muitas dessas, encurraladas pelo fogo, lançaram-se dos andares onde estavam.

7 de Outubro

Em 7 de outubro de 2001, os militares dos EUA lançaram oficialmente a Operação Liberdade Duradoura, com apoio do Reino Unido. A fase inicial da guerra envolveu principalmente ataques aéreos contra alvos da Al Qaeda e do Talibã. Em novembro daquele ano, 1.300 soldados norte-americanos estavam no país.

O número aumentou constantemente nos meses seguintes, quando as forças dos EUA e do Afeganistão derrubaram o governo do Talibã e foram atrás de Bin Laden, então escondido no complexo da caverna de Tora Bora, a sudeste de Cabul. Bin Laden acabou cruzando a fronteira com o Paquistão. Nos meses e anos seguintes, Bush enviou milhares de soldados ao Afeganistão para perseguir os insurgentes do Talibã. Em maio de 2003, o Pentágono disse que o grande combate no Afeganistão havia acabado. O foco para os EUA e seus parceiros internacionais se voltou para a reconstrução do país e a instalação de um sistema político democrático ao estilo ocidental.

Muitas das restrições do Talibã desapareceram, e milhares de meninas e mulheres foram autorizadas a estudar nas escolas e a trabalhar. Mas o governo do Afeganistão, ainda repleto de corrupção, frustrou os norte-americanos. E o Talibã começou a ressurgir. Ao mesmo tempo, o foco em Washington mudou para outra guerra, desta vez no Iraque, que minou os recursos militares e a atenção do Afeganistão. Quando Bush foi reeleito em 2004, o número de militares no Afeganistão havia chegado a cerca de 20 mil, mesmo com a supervisão e a atenção direcionadas mais diretamente ao que estava acontecendo no Iraque.

Os anos seguintes veriam aumentos constantes nas forças dos EUA enviadas

para o Afeganistão, à medida que o Talibã recuperava terreno nas áreas rurais do sul. Quando Bush deixou o cargo em 2009, havia mais de 30 mil soldados norte-americanos no país. E o Talibã estava organizando uma insurgência completa.

- **Barack Obama**

Ao entrar na Casa Branca em 2009, o presidente Barack Obama encarou uma decisão sobre uma guerra que herdou de Bush. Os principais generais recomendaram um “aumento” nas tropas para enfraquecer o Talibã, que estava executando ataques em ritmo acelerado.

Depois de um extenuante debate interno, durante o qual o então vice-presidente Biden deixou clara sua oposição ao aumento de militares, Obama finalmente começou a destacar dezenas de milhares de soldados para o Afeganistão. Ao mesmo tempo, ele se comprometeu com um cronograma de retirada que começaria em 2011 e insistiu em padrões para medir o progresso no combate ao Talibã e à Al Qaeda.

Obama disse em um pronunciamento que as tropas adicionais dos EUA “ajudariam a criar as condições para os Estados Unidos transferirem a responsabilidade para os afegãos”. Mais tarde, porém, assessores disseram que Obama se sentiu pressionado por comandantes militares que pressionavam por uma estratégia de contra insurgência.

Em agosto de 2010, as forças dos EUA no Afeganistão alcançaram 100 mil militares. Mas foi em um país diferente – o Paquistão – que os serviços de inteligência dos EUA finalmente rastrearam Bin Laden, morto durante um ataque do grupo especial da marinha Navy SEAL em maio de 2011. Logo depois, Obama anunciou que iria começar a trazer as tropas dos EUA para casa com o objetivo de transferir as responsabilidades de segurança para os afegãos até 2014.

Nos anos seguintes, os números de militares diminuíram constantemente enquanto os EUA se engajavam em esforços diplomáticos com os líderes do Afeganistão. No início de seu segundo mandato, Obama adotou uma visão em relação ao país resumida por membros de sua equipe como “afegão bom o suficiente” – um reconhecimento de que as tentativas de cultivar uma democracia de estilo ocidental eram em sua maioria desesperadas, e que derrubar terroristas e manter o Talibã sob controle eram os limites do papel dos Estados Unidos.

Obama anunciou o fim das principais operações de combate em 31 de dezembro de 2014, com os EUA mudando o escopo para uma missão de treinar e ajudar as forças de segurança afegãs. Mais declínios de tropas colocaram os EUA no caminho de uma retirada total quando Obama deixasse o cargo. Mas, um ano depois, quando seu mandato estava chegando ao fim, Obama determinou que a frágil situação de segurança no país significava

que a retirada total que ele esperava não era viável. Ele deixou o cargo com pouco menos de 10 mil soldados no país e disse que caberia a seu sucessor decidir o que fazer a seguir.

•Donald Trump

Como candidato, Trump prometeu trazer as tropas dos EUA no Afeganistão para casa. No entanto, cumprir sua promessa foi difícil, pois o Talibã continuou a crescer e um afiliado ao Estado Islâmico surgiu no local.

Em sua primeira grande decisão no Afeganistão, Trump terceirizou a autoridade de nível de tropa para o Pentágono. Sua equipe ficou dividida em linhas ideológicas, entre seus conselheiros militares que defendiam uma presença contínua e nacionalistas mais ferrenhos que se opunham às intervenções estrangeiras.

Por fim, Trump admitiu em discurso proferido em agosto de 2017 que, embora seu instinto tivesse sido o de retirar todas as tropas dos EUA, as condições tornaram isso impossível. Ele deixou o futuro da presença norte-americana em aberto, rejeitando um cronograma para retirada e, no lugar disso, insistindo que as “condições no terreno” ditariam qualquer tomada de decisão. Um ano depois, Trump encarregou Zalmay Khalilzad, um experiente diplomata afegão-americano, de liderar as negociações com o Talibã para pôr fim à guerra. As conversas excluíram principalmente o governo do Afeganistão, causando uma cisão entre os EUA e o presidente Ashraf Ghani. Enquanto isso, o Talibã continuou fazendo uma série de ataques terroristas, inclusive em Cabul, matando dezenas de civis. Mesmo depois que Trump convidou e cancelou as negociações de paz com o grupo a ser realizado em Camp David em 2019, as discussões continuaram com Khalilzad.

Um acordo firmado em fevereiro de 2020 definiu o caminho para uma retirada total dos Estados Unidos em troca de garantias do Talibã de que reduziria a violência e cortaria os laços com grupos terroristas. Mas não houve nenhuma medida para fazer cumprir essas promessas, que o Pentágono disse que não foram cumpridas. Mesmo quando as tropas dos EUA começaram a sair, o Talibã ganhou força. E o prazo final de maio de 2021 para retirar todas as tropas norte-americanas foi finalmente passado para o sucessor de Trump.

•Joe Biden

Mesmo antes de entrar no cargo em janeiro, Biden começou a pesar o que fazer no Afeganistão, onde há muito se desiludia com os esforços de guerra. Depois de ter seu conselho de remover as tropas dos EUA rejeitado por Obama, Biden finalmente estava em uma posição para encerrar o que ele passou a ver como uma guerra sem propósito.

Ao longo dos primeiros meses de sua presidência, Biden recebeu conselhos de sua equipe de segurança nacional, incluindo avisos “claros” de que a retirada de todos os

militares norte-americanas poderia levar ao colapso final do governo do Afeganistão e à tomada do Talibã. Por outro lado, permanecer no país após o prazo de maio definido no acordo de Trump com o Talibã exporia as tropas dos EUA a ataques.

Por fim, Biden anunciou que os 2.500 soldados restantes dos EUA no Afeganistão voltariam para casa até 11 de setembro de 2021, 20 anos após os ataques terroristas que iniciaram a guerra. Para Biden, estava claro que os objetivos dos Estados Unidos haviam sido alcançados e que não havia nada mais que seu país pudesse fazer para transformar o Afeganistão em uma democracia estável.

O prazo foi se apertando enquanto o Pentágono trabalhava para extrair as pessoas do local mais rapidamente. Em 2 de julho, os EUA entregaram o campo de aviação de Bagram (um símbolo do poderio militar dos EUA) para as forças afegãs. Enquanto isso, o Talibã começou a tomar as capitais de províncias, muitas vezes sem qualquer resistência dos militares afegãos.

Em 15 de agosto, o Talibã voltou ao poder em Cabul depois que o presidente Ghani fugiu do país. Foi um colapso que as autoridades norte-americanas disseram que não esperavam acontecer tão rapidamente.

Crise Atual

Os confrontos anteriores à tomada do Afeganistão pelo grupo terrorista, causaram diversas mortes de civis. Desde 9 de julho, mais de 1,1 mil pessoas foram feridas, sendo que 183 pessoas morreram com a onda de violência em quatro cidades (Lashkar Gah, Kandahar, Herat e Kunduz). Tais ataques diretos a civis são uma séria violação do direito internacional e exemplos de crimes de guerra.

No domingo, 15 de agosto, o grupo extremista Talibã tomou a capital do Afeganistão, Cabul, e voltou ao poder quase 20 anos depois de ter sido expulso por tropas norte-americanas. O grupo também tomou a decisão de mudar o nome (como no passado) para “Emirado Islâmico do Afeganistão”.

Após este acontecimento, o presidente (Ashraf Ghani) e vice-presidente (Amrullah Saleh) afegão fugiram do país, e as forças de segurança afegãs ofereceram pouca resistência, apesar dos recursos disponíveis, enquanto os militantes do Talibã avançavam rapidamente pela região. O grupo apenas concluiu sua invasão por completo, horas após a saída de tais autoridades, entrando no palácio presidencial.

A decisão dos Estados Unidos de retirar suas tropas do Afeganistão deixou todos apreensivos, principalmente, depois de duas décadas de ocupação, causando um vácuo de poder propício para o grupo avançar e derrubar o governo. Com o Talibã de volta ao poder,

a comunidade internacional e a população afegã já demonstram preocupações sobre o retorno de violações de direitos humanos. Milhares de civis tentam fugir da região e os que ficam temem as próximas ações do governo extremista.

Anteriormente, durante o domínio talibã na região, as mulheres não tinham permissão para trabalhar ou estudar e deveriam ficar confinadas em casa. Elas só poderiam sair se estivessem acompanhadas de um homem. Era obrigatório o uso da burca, cobrindo todo o corpo, da cabeça aos pés, e mulheres acusadas de adultério eram apedrejadas na rua. No momento, não há ordens dizendo que mulheres devem usar burcas ou que não podem sair sozinhas, mas não se sabe se durará.

O Talibã também proibiu música, filmes, televisão e livros. Artefatos culturais foram destruídos, como em 1998, que houve a queima da Biblioteca Central de Cabul, onde manuscritos milenares foram perdidos. Os afegãos que continuavam consumindo produtos da cultura ocidental em segredo, corriam o risco de sofrer punições extremas de acordo com a interpretação radical da lei islâmica. Na época, açoitamentos, amputações e execuções públicas eram comuns.

Um dos ataques mais conhecidos do grupo foi em outubro de 2012 contra a estudante Malala Yousafzai, baleada aos 15 anos, na cidade de Mingora, no Paquistão, por defender o direito das mulheres de estudar.

Conclusão

No final dos anos 1970, o Afeganistão foi um dos palcos dos conflitos entre os dois polos da Guerra Fria. Naquela época, o então governo comunista que comandava o país tinha apoiados soviéticos, que chegaram a enviar tropas para lutar contra os combatentes do movimento de resistência, conhecidos como mujahidin e apoiados por Estados Unidos, Paquistão, China e Arábia Saudita, entre outros países. O conflito se estendeu por mais de uma década. As tropas soviéticas se retiraram em 1989, mas a guerra civil continuou. Do caos que se seguiu surgiu o grupo chamado Talibã.

O grupo avançou inicialmente na região de fronteira entre o sudoeste do Afeganistão e o norte do Paquistão no início da década de 1990 com a promessa de combater a corrupção, combater a invasão ocidental e melhorar a segurança da população, que vivia no dia a dia os efeitos de uma guerra civil destrutiva.

Com o crescimento, o grupo passou a introduzir ou apoiar punições a contravenções baseadas na lei islâmica, como execuções públicas de assassinos e de adúlteros condenados e amputações para os considerados culpados do crime de roubo. Os homens eram obrigados a deixar a barba crescer e as mulheres, a usar a burca, um véu que cobre o

rosto e o corpo. Televisão, música e cinema foram proibidos e meninas com mais de 10 anos passaram a enfrentar cada vez mais dificuldades para que pudessem ir à escola.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, os EUA invadiram o Afeganistão em busca de Bin Laden e integrantes da Al Qaeda, aliados do Talibã no controle do Afeganistão, e derrubaram o governo Talibã. Após a retirada das tropas americanas em 2 de julho de 2021, o Talibã retomou o poder Afegão.

Relações dentro do conflito

- **Afeganistão**

O Talibã tem consultado todas as partes interessadas para formar um governo que tenha amplo apoio de uma variedade de populações afegãs - que eles dizem que será "inclusivo" e "islâmico" - mas o que realmente significará ou parecerá na prática ainda não está claro.

O presidente afegão, Ashraf Ghani, disse que a remobilização das forças armadas é uma "prioridade máxima" e que está mantendo conversas com líderes locais e parceiros internacionais sobre os acontecimentos no país. Ghani disse que não permitiria que uma guerra "imposta" às pessoas causasse mais mortes e elogiou as corajosas forças de segurança que vêm tentando defender as cidades do Talibã.

O Talibã que, em poucos dias, retomou o controle do país em uma rápida ofensiva que o Exército afegão não consegue conter. Sem chance bélica contra o talibã, o governo afegão propõe uma transferência pacífica de poder para um governo de transição, mas espera que as forças internacionais reajam e trabalhem para que a situação de crise social, econômica e humanitária não chegue ao extremo e coloque, ainda mais, a vida de seus cidadãos em risco.

- **ONU**

- Os membros do Conselho de Segurança da ONU reafirmaram que o terrorismo em todas as suas formas e manifestações constitui uma das ameaças mais sérias à paz e segurança internacionais.

- O Representante da UNICEF no Afeganistão, também se juntou a funcionários da ONU que condenaram o ataque, apelando a todas as partes para garantir que as mulheres e crianças estão protegidas, em todos os momentos.

- A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) está preocupada com as necessidades humanitárias prevaletentes no Afeganistão e pede apoio para garantir que todos aqueles

que precisam de assistência não sejam esquecidos.

- O ACNUR apresentou seu Plano Regional de Preparação e Emergência para Refugiados Afegãos, apelando aos países vizinhos para que mantenham suas fronteiras abertas para aqueles que buscam escapar da crise que se intensifica.
- O ACNUR saúda os esforços de vários estados para proteger cidadãos afegãos em risco por meio de programas bilaterais de evacuação. Esses programas não devem, entretanto, substituir uma resposta humanitária internacional urgente e mais ampla.
- Os projetos da ONU estão em andamento e serão ampliados onde as condições operacionais e de segurança permitirem, porque, segundo a organização, o povo afegão precisa de desenvolvimento e apoio humanitário mais do que nunca

- **Human rights watch**

A Human Rights Watch é uma organização internacional de direitos humanos, não-governamental, sem fins lucrativos, que com centenas de membros que trabalham em diversas localidades ao redor do mundo. Fundada em 1978, a Human Rights Watch é reconhecida por investigações aprofundadas sobre violações de direitos humanos, elaboração de relatórios imparciais sobre essas investigações e o uso efetivo dos meios de comunicação para informar e sensibilizar diversos públicos sobre suas causas. A partir de casos concretos de violações, a HRW se reúne com governos e organizações internacionais para propor políticas públicas e reformas legais necessárias para proteger direitos e garantir a reparação para vítimas de violações passadas.

A organização defende que com o Talibã, agora no poder, é obrigado a respeitar os direitos de todos os afegãos, incluindo o direito de deixar seu país com segurança. E que, embora a liderança do Talibã tenha feito promessas de proteger os membros da sociedade civil, seus combatentes perseguem as pessoas implacavelmente e as submetem a um destino incerto.

A Human rights watch alega que os países que apoiaram esses ativistas têm a responsabilidade de evacuá-los enquanto possível e adotar outras medidas viáveis para trazê-los juntamente com suas famílias a uma situação de segurança após o término da evacuação.

Posições dos Blocos

Membros Permanentes do Conselho de Segurança (P5)

- **Estados Unidos da América**

A decisão de retirar as tropas dos EUA do Afeganistão gerou grandes consequências, e foi amplamente criticada por diversos líderes políticos. Assim que as tropas americanas começaram a se retirar, o Talibã avançou rapidamente. Biden afirmou que jamais haveria um bom momento para a retirada militar do Afeganistão, o que explica por que a ocupação durou 20 anos. Ele afirmou que os objetivos americanos no país foram cumpridos. Mas o presidente admitiu que a rapidez do avanço do Talibã foi algo inesperado na estratégia de retirada.

Os interesses dos EUA no Afeganistão são variados. Por um lado, Washington sabe que seria muito perigoso deixar o Talibã controlar todo o país, pois isso significaria que o Ocidente teria que lidar com um estado de quase 40 milhões de habitantes que poderia servir de santuário para grupos extremistas. Os Estados Unidos também procuraram limitar as intervenções russa, chinesa e iraniana no país. E buscaram, antes, evitar uma catástrofe humanitária na região - um cenário que parece cada vez mais próximo.

O prazo de 31 de agosto é a data final estabelecida pelo talibã para a retirada dos militares americanos do Afeganistão. Com essa medida, mesmo que o governo americano esteja tentando estabelecer negociações com o grupo extremista, o futuro da nação afegã é incerto.

- **República Popular da China**

Oficialmente, a China não reconheceu o Talibã como o novo governante do Afeganistão, mas deu indicativos de que poderia fazê-lo em nome da estabilidade na região. Um dia depois que o grupo extremista tomou a capital, Cabul, o governo chinês disse que esperava continuar a desenvolver relações amistosas e cooperativas com o Afeganistão.

O principal interesse da China, neste momento, é manter a estabilidade no país. Agora, o Partido Comunista da China teme que mais conflitos por poder no Afeganistão, após a saída dos Estados Unidos, possam representar uma ameaça direta à segurança nacional chinesa. Líderes talibãs já disseram que o Afeganistão está aberto para investimentos chineses – esse é outro interesse da China no país vizinho.

O gigante asiático tem alguns negócios no Afeganistão, principalmente no setor de energia e mineração, já que mantém uma relação diplomática e econômica com o governo

do ex-presidente Ashraf Ghani, porém a instabilidade do país era um impeditivo para que os chineses investissem mais lá. Se o Talibã conseguir efetivamente formar um governo, a China se encorajaria a enviar mais dinheiro ao Afeganistão, podendo se tornar o maior financiador da reconstrução do país.

- **Federação Russa**

Moscou afirma que seus atuais interesses no Afeganistão se limitam a garantir a seguranças das fronteiras de seus aliados na Ásia Central, mas suas intenções finais são menos claras. Apesar de o Kremlin ter declarado o Talibã como "terroristas" em 2003, a Rússia organizou nos últimos anos rodadas de negociações com o grupo e outras forças de oposição, sem incluir membros do governo afegão.

O governo de Putin aproveitou o enfraquecimento dos Estados Unidos no Afeganistão para ampliar sua área de influência e abrir espaço para investimentos e para a defesa de interesses estratégicos. A Rússia realiza exercícios militares ao longo da fronteira com o Afeganistão e reforça sua aliança militar na Ásia Central. Um de seus interesses é contrapor o poderio dos Estados Unidos em regiões que considera pertencerem a suas esferas de influência: Sul da Ásia, Oriente Médio e Leste Europeu. A Rússia tem ajudado o Talibã, não apenas com sua diplomacia, mas também com dinheiro e possivelmente inteligência.

- **Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte**

O Reino Unido, que evacuou quase 15.000 cidadãos afegãos e britânicos encerrou sua operação de resgate no Afeganistão. Apesar do encerramento desta fase da operação, o governo britânico alegou que não esqueceria das pessoas que ainda precisam ir embora e que fará tudo o que puder para ajudá-las. O país, que esteve envolvido na invasão do Afeganistão após os ataques terroristas de 2001, afirmou que o objetivo do país no Afeganistão era simples - proteger o Reino Unido de qualquer perigo - e que foi bem-sucedido nessa missão central. Nos últimos 20 anos, nenhum ataque terrorista foi lançado em solo afegão contra o Reino Unido ou qualquer outro país ocidental. O primeiro ministro britânico afirmou que é vital que a comunidade internacional trabalhe em conjunto para garantir retiradas seguras, evitar uma crise humanitária e apoiar o povo afegão para garantir direitos conquistados nos últimos 20 anos.

- **República Francesa**

A França está em negociações com o Taleban para permitir que centenas de afegãos sejam evacuados do Afeganistão. Macron, presidente da França, disse que não poderia garantir que a França teria sucesso na evacuação de pessoas, já que a situação de

segurança no Afeganistão se deteriorou, especialmente no aeroporto de Cabul.

O país afirmou que defende o direito do povo afegão de viver em segurança, com respeito por todos. Macron acrescentou uma menção especial às “mulheres afegãs”, dizendo que elas têm o direito de viver em liberdade e dignidade. Como membro do G7, o país concordou com o dever moral de ajudar o povo afegão e fornecer todo o apoio que as condições permitirem. Discutindo evacuações, ajuda humanitária imediata, ajuda ao desenvolvimento de longo prazo e cenários para refugiados que precisam de proteção.

- **União Europeia**

O bloco não reconhece o regime Talibã, porém mantém contatos operacionais com o grupo extremista para facilitar que pessoas em Cabul consigam chegar até o aeroporto, afirmando que o contato é completamente distinto e separado de negociações políticas. Sendo a imigração o maior desafio europeu em relação a crise afegã, a UE assume uma posição delicada. Embora o bloco anunciou que deve dar as boas-vindas aos afegãos que estão "em perigo imediato" com a chegada ao poder do Talibã, pedindo aos Estados membros que "acelerem" suas operações para acolher refugiados, os países europeus resistem em acolher refugiados afegãos.

Depois de resgatarem milhares de civis, quase todos os países europeus já encerraram as operações de resgate de cidadãos e de aliados afegãos, por conta do prazo imposto pelo talibã de 31 de agosto para retirada das tropas dos EUA e aliados. Assumindo uma nova estratégia, os europeus pretendem que os países vizinhos do Afeganistão acolham refugiados. O bloco se comprometeu em quadruplicar a ajuda humanitária neste ano, para cerca de 200 milhões de euros, a fim de lidar com as necessidades urgentes no Afeganistão e em países vizinhos. Os países que se destacaram, nas operações de resgate foram: Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Itália, Espanha, Dinamarca e Grécia. Apesar do encerramento das operações, os governos se comprometem a negociar com o Talibã a retirada de mais pessoas. Seus principais objetivos em relação ao conflito são:

- Criar rotas legais e seguras em todo o mundo, organizadas pela a comunidade internacional, para aqueles que precisam de proteção
- Necessidade de reunião com países de influência global para resolver a crise.
- Garantir o respeito aos direitos humanos, bom tratamento de minorias e respeito pelos direitos de mulheres e meninas afegãs.

- **Países Latino-Americanos**

Composta, em sua maioria, por países aliados e que demonstram solidariedade ao povo afegão, os países latino americanos adotam uma postura pacífica, propondo uma resolução eficaz, segura e que cumpra com os direitos humanitários do povo afegão.

Países como México e Colômbia, hospedarão temporariamente refugiados afegãos que fogem da tomada de seu país pelo Talibã. Já o Brasil, que ainda não se pronunciou oficialmente sobre aceitar refugiados afegãos, defende que Conselho de Segurança da ONU atue no Afeganistão, e conclama os autores envolvidos a proteger os civis, respeitar o Direito Internacional Humanitário, garantir o acesso desimpedido da ajuda humanitária e respeitar os direitos fundamentais do povo afegão, em especial de mulheres e meninas. A Venezuela, que diferentemente de seus vizinhos não é aliada dos Estados Unidos, declarou que espera que o Afeganistão consiga encontrar o seu caminho e que os seus problemas sejam resolvidos pelos afegãos, em paz, diálogo e sem intervencionismo de ninguém. O cenário da América latina reforça que, mesmo com as diferenças políticas, os países desejam a resolução da crise e o bem estar dos afegãos.

- **Países árabes e asiáticos**

- **Países Árabes**

Enquanto alguns países possuem alianças com os Estados Unidos e outros são acusados de terem proximidades com o talibã, não há um posicionamento homogêneo destas nações em relação ao conflito. Os sauditas alegaram permanecer ao lado das escolhas feitas pelo povo afegão sem interferência. O Qatar é um ponto estratégico importante de negociações. O Talibã tem um escritório oficial e que sediou negociações com o agora deposto governo afegão. Representantes do governo do Afeganistão e talibãs se reuniram várias vezes em Doha para negociações de paz. Já o Irã, um dos mais polêmicos neste conflito, possui laços estreitos com o grupo extremista, e o governo iraniano foi acusado de fornecer apoio financeiro e militar ao Talibã.

- **Índia e Paquistão**

No Sul da Ásia, a dinâmica no Afeganistão tem sido, em grande parte, um reflexo da guerra Índia-Paquistão, ainda mais exacerbada pelo status geográfico dos países em relação ao Afeganistão e um ambiente de conflito e instabilidade política. Para o Paquistão, o ressurgimento do Talibã no Afeganistão oferece oportunidades significativas.

O Paquistão tem estado na vanguarda no acolhimento de refugiados afegãos, bem

como na oferta de ajuda e assistência aos esforços de reconstrução dos EUA. No entanto, há muito se suspeita que uma relação secreta com o Talibã tenha continuado, tornada mais evidente com a intervenção ativa do Paquistão nos últimos tempos, que ajudou a trazer o Taleban à mesa de negociações. A Índia, por outro lado, teve melhores relações com os governos afegãos, exceto durante os anos de governo do Talibã. Em meio a especulações sobre uma via de diálogo tardia com o Talibã, a abordagem da Índia consistiu principalmente em apoio tácito às decisões estratégicas americanas - com foco principalmente na sanção do Paquistão.

• **Ásia Central**

A situação no Afeganistão preocupa ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central. Reunindo os chefes de Estado do Turcomenistão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Quirguistão, esta cúpula é um raro exemplo da diplomacia na Ásia Central sem a supervisão de uma potência estrangeira, como Rússia, ou China. A cúpula que refletiu suas preocupações como avanço dos talibãs e o risco de caos no vizinho Afeganistão. Apesar de os talibãs alegarem que não ameaçam os outros países da Ásia Central, e a degradada situação de segurança no Afeganistão representa, por si só, uma ameaça para toda região. Enquanto os combates persistirem, será difícil garantir a segurança dos projetos de infraestrutura. Os países da Ásia central esperam por uma resolução pacífica e declararam que será muito lamentável se as grandes potências tratarem este problema como um novo conflito geopolítico entre elas.

• **Países asiáticos aliados dos EUA**

Para dois dos maiores aliados regionais da América em particular, Coreia do Sul e Japão, a confiança pública nos Estados Unidos não foi afetada - mas houve murmúrios de alguns setores. Alguns conservadores pediram que seus militares sejam reforçados, argumentando que não podem confiar totalmente na promessa dos Estados Unidos de apoiá-los em um conflito. Israel e os países árabes aliados de Washington observam com preocupação que o poder de dissuasão militar derivado dessa parceria estratégica pode diminuir após a queda repentina do governo de Cabul na esteira da retirada dos EUA.

• **Países africanos**

A chegada ao poder dos talibãs no Afeganistão faz aumentar a preocupação dos países africanos que lutam contra os insurgentes islâmicos. O Secretário-Geral da ONU, alertou para uma "alarmante" expansão de filiados do chamado "Estado Islâmico" por toda

África, à custa da situação no Afeganistão.

Desde que os talibãs assumiram o poder no Afeganistão, tem surgido alguns sinais considerados de apoio aos talibãs na imprensa ligados ao grupo que tem protagonizado ataques na Somália, e o receio é que o movimento extremista avance pelo solo africano. O governo da África do Sul, país membro do G20, encoraja todas as partes envolvidas no conflito interno a buscar incessantemente uma solução através do diálogo, do restabelecimento da estabilidade e de uma transição ordenada para um novo governo.

Os países africanos observam a situação com preocupação, esperando a amenização e resolução o mais rápido possível do conflito, visando o não agravamento de sérias implicações para a segurança dos países que lutam contra o extremismo na África.

- **Oceania**

As nações da Oceania evacuaram mais de 4.200 cidadãos de Cabul, antes do prazo final de 31 de agosto para retirada das tropas. A Austrália esteve envolvida na guerra civil afegã, enviando tropas e helicópteros. Esteve em situações polêmicas, envolvendo crimes de guerra cometidos por seus soldados no Afeganistão. Recentemente, as autoridades australianas admitiram que soldados cometeram 39 execuções ilegais no Afeganistão entre 2005 e 2016. Todas as vítimas desses assassinatos eram civis. Segundo declarações de seus líderes, o continente mantém uma postura apaguazigadora em relação ao conflito.

Bibliografia

Coletânea de links:

<https://www.acnur.org/portugues/2021/08/20/acnur-alerta-sobre-necessidades-humanitarias-no-afeganistao-que-nao-podem-ser-ignoradas/>
<https://apnews.com/article/europe-migration-taliban-9179687a275c66dee37ad80353410572>
<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/paises-europeus-resistem-em-acolher-refugiados-afegaos-como-discurso-mudou-apos-a-crise-siria/>
<https://news.un.org/en/story/2021/08/1098602>
<https://www.dw.com/pt-002/o-que-o-triunfo-dos-talib%C3%A3s-no-afeganist%C3%A3o-pode-significar-para-%C3%A1frica/a-58902471>
<https://www.prensalatina.com.br/index.php?o=rn&id=43958&SE>
O=africa-do-sul-manifesta-preocupacao-com-a-situacao-no-afeganistao
<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/351184/apos-volta-do-taliba-ao-afeganistao-o-mexico-e-o-p.htm>
<https://www.poder360.com.br/governo/brasil-defende-que-conselho-de-seguranca-da-onu-atue-no-afeganistao/>
<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/afghanistan-s-collapse-shift-strategic-dynamics-south-asia>
<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/08/4942170-afeganistao-preocupa-ex-republicas-sovieticas-da-asia-central.html>
<https://edition.cnn.com/2021/08/20/asia/afghanistan-ashraf-ghani-taliban-intl/index.html>
<https://www.reuters.com/world/uk/uks-johnson-move-heaven-earth-help-stranded-afghanistan-evacuees-2021-08-27/>
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-08/reino-unido-convoca-reuniao-do-g7-para-discutir-crise-no-afeganistao>
<https://www.reuters.com/world/frances-macron-says-situation-afghanistan-deteriorating-2021-08-26/>
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/08/26/how-frances-conservatives-are-using-plight-afghan-women-attack-feminists/>
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58242038>
<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/como-a-china-pretende-ocupar-o-vacuio-de-poder-deixado-pelos-eua-no-afeganistao/>

<https://www.politize.com.br/taliba-terrorismo/>
[https://www.google.com.br/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/guerras/guerra-afeganistao
.htm](https://www.google.com.br/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/guerras/guerra-afeganistao.htm)
<https://www.google.com.br/amp/s/g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2021/08/16/entenda-a-guerra-no-afeganistao.ghtml>
<https://www.google.com.br/amp/s/www.todamateria.com.br/guerra-do-afeganistao/amp/>
<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/22/entenda-a-historia-recente-do-afeganistao-e-veja-o-que-dizem-mulheres-do-pais-sobre-o-taliba>
<https://www.google.com.br/amp/s/amp.dw.com/pt-br/cronologia-do-envolvimento-dos-eua-e-otan-no-afeganistao/a-58880303>
<https://www.google.com.br/amp/s/www.cnnbrasil.com.br/internacional/bush-obama-trump-biden-como-4-presidentes-criaram-a-confusao-atual-no-afeganistao/%3famp>
https://www.google.com.br/amp/s/www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/08/16/interna_internacional,1296495/amp.html
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57768118>
<https://www.youtube.com/watch?v=s2EqXg2NXr0>
<https://www.youtube.com/watch?v=Q09jL2cmK00>
<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-e-o-taliba-e-como-o-grupo-tomou-o-poder-no-afeganistao/>
<https://busca.uol.com.br/result.html?term=afeganistao#gsc.tab=0&gsc.q=afeganistao&gsc.page=1>
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-situacao-do-afeganistao-apos-o-taliba-assumir-o-controle-de-cabul/>
<https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759822>
<https://www.hrw.org/>

